
Contribuições da Etnografia para os Estudos sobre Práticas Informacionais: uma revisão sistemática de literatura

Ethnographic Contributions to Information Practice Research: a systematic review

**Herbenio de Souza Bezerra (1), Priscila Barros David (2)
Jefferson Veras Nunes (3), Antônio Wagner Chacon Silva (4)**

(1) Universidade Federal do Ceará (UFC), Brasil, herbe.biblio@gmail.com

(2) priscila@ufc.br,

(3) jefferson.veras@yahoo.com.br,

(4) ciberwagner@yahoo.com.br



Resumo

Este artigo relata o desenvolvimento de um estudo que analisou as contribuições etnográficas, como lógica de investigação, para a pesquisa sobre práticas informacionais, subcampo dos estudos de usuários da Ciência da Informação. Trata-se de uma pesquisa exploratória e bibliográfica realizada por meio de uma revisão sistemática, que buscou por estudos sobre práticas informacionais no Portal de Periódicos CAPES e também na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI). O estudo teve como objetivo classificar os artigos de acordo com os critérios de Green e Bloome (1997) sobre pesquisas etnográficas, isto é, fazer etnografia, adotar uma perspectiva etnográfica ou utilizar ferramentas etnográficas. Os resultados demonstram que as pesquisas sobre práticas informacionais são limitadas no número de artigos obtidos, o que aponta para um campo de estudos ainda em consolidação. Além disso, os resultados indicaram que a maioria dos artigos podem ser classificados em grupos que adotam uma perspectiva etnográfica ou utilizam ferramentas etnográficas. Assim, esta revisão sistemática mostrou que as pesquisas sobre práticas de informação não estão fazendo etnografia no seu sentido mais amplo. Além disso, a natureza interdisciplinar da Ciência da Informação foi destacada e aponta para um interesse crescente por temas de natureza social e cultural.

Palavras-chave: Práticas informacionais; Etnografia; Estudos de usuários; Ciência da Informação

Abstract

This paper reports the development of a study that analyzed the ethnographic contributions, as a logic of inquiry, to information practices research, a subfield of user studies on Information Science. This is exploratory and bibliographic research performed through a systematic review that looked for studies on information practices in the Periódicos CAPES Portal (a Brazilian research agency journals' database) as well as in the BRAPCI Portal (a Brazilian information science research database). The study aimed to classify the papers according to Green and Bloome's (1997) ethnographic research criteria, i.e., doing ethnography, adopting an ethnographic perspective, or using ethnographic tools. Results show that the research on information practices is limited in the number of papers obtained, which points to a field of study that is still being consolidated. Additionally, results indicated that most papers can be classified into groups that adopt an ethnographic perspective or use ethnographic tools. Thus, this systematic review showed that information practices researchers are not doing ethnography in its broadest sense. Besides, the interdisciplinary nature of Information Science was highlighted and points to a growing interest in social and cultural topics.

Keywords: Information practices; Ethnography; User studies; Information Science

1 Introdução

A busca por informação é constante no cotidiano, devido, principalmente, a tentativas do homem de satisfazer necessidades surgidas em diferentes esferas da vida, sejam elas a pessoal, a profissional ou a acadêmica. O surgimento e o desenvolvimento das tecnologias deram novo sentido e função aos processos de produção e de compartilhamento da informação, acarretando uma miríade de possibilidades para responder às questões levantadas por seus usuários (Sá e Araújo 2020).

Os ambientes informacionais estão a todo redor, sejam eles mais ou menos estruturados, utilizados para fins formais ou informais, de modo consciente ou involuntário. Por meio da interação com esses ambientes e com as pessoas neles inseridas, práticas informacionais são criadas, adotadas e compartilhadas. Investigar e compreender tais práticas possibilita a construção de uma cartografia da cultura de diferentes grupos, pois elas revelam hábitos, crenças, valores e atitudes construídas socialmente.

Assim, investigações sobre como os indivíduos buscam, acessam e utilizam a informação, embora não se constituam novidade, adquirem diferentes contornos no atual estágio da sociedade, sobretudo pela predominância das Tecnologias Digitais de Informação e da Comunicação (TDIC). Ambientes como o ciberespaço ampliam não somente as possibilidades de atuação e interações,

como também proporcionam o surgimento de questões que devem ser consideradas pelos pesquisadores.

Entre os campos de estudo interessados na relação entre indivíduo e informação está a Ciência da Informação (CI). Surgida no contexto pós-guerra, sua constituição formal remete à década de 1960, a partir de questões como: de onde a informação vem; para onde ela vai; por quais caminhos ela é processada; como ela é representada, entre outras (Borko 1968). Em meio a tais preocupações, encontram-se os usuários da informação, estudados sob diferentes paradigmas e abordagens teórico-metodológicas ao longo das décadas seguintes.

Partindo de Capurro (2003), a CI desenvolveu-se, ao longo do século XX, sob a égide de três diferentes modelos dominantes, caracterizados pelo autor como abordagens de cunho fisicista, cognitivo e social, evidenciados a partir dos subcampos que compõem a Ciência da Informação. Dentre esses subcampos, vale mencionar os chamados “estudos de usuários da informação”, que se desenvolveram priorizando diferentes aspectos da relação entre indivíduo e informação.

As pesquisas no âmbito dos estudos de usuários da informação dialogam com os modelos dominantes apontados por Capurro e se encontram divididas em: abordagem tradicional, alternativa e sociocultural, as quais focaram, respectivamente, nos sistemas e no uso da informação; nos aspectos cognitivos do usuário; e, mais recentemente, na compreensão de aspectos relacionados à informação na vida cotidiana, delineando-se sob o termo práticas informacionais.

Inscritos numa abordagem social da CI, os estudos sobre práticas informacionais lançam questões para grupos de pessoas com uma cultura informacional compartilhada. Tais estudos requerem arcabouços teórico-metodológicos que permitam ao pesquisador maior imersão no universo estudado, tornando-se necessário o rompimento com noções pré-estabelecidas e, de certa maneira, inflexíveis, que impossibilitem a apreensão de características particulares de determinados grupos. Nesse complexo empreendimento de pesquisa, surge a etnografia como uma lógica de investigação capaz de interpretar dinâmicas culturais que são inerentes aos mais diversos grupos sociais.

Green e Bloome (1997) advertem, contudo, que muitos estudos que se intitulam etnográficos, na prática, não se baseiam em teorias da cultura e que, desse modo, não se constituem

pesquisas etnográficas propriamente ditas. Nessa perspectiva, o presente estudo aborda as possibilidades de uma pesquisa etnográfica voltada ao contexto das práticas informacionais, tendo como objeto de investigação pesquisas brasileiras publicadas em bases de dados eletrônicas na área de Ciência da Informação.

O objetivo central do presente artigo é, portanto, investigar como os estudos sobre práticas informacionais têm recorrido à etnografia no desenvolvimento de suas abordagens. Para alcançar tal objetivo, realiza-se uma revisão sistemática com o intuito de categorizar o trabalho etnográfico dos estudos com base na conceituação proposta por Green e Bloome (1997).

No presente artigo, defende-se que a etnografia e seus fundamentos podem fornecer aos estudos sobre práticas informacionais, importantes conceitos e metodologias de natureza qualitativa que permitam compreender como as pessoas buscam, acessam, utilizam e compartilham entre si os recursos informacionais disponíveis. Nas seções a seguir, serão apresentadas as bases teóricas que fundamentam os conceitos de práticas informacionais e da etnografia enquanto lógica de pesquisa.

2 Práticas informacionais: a importância de se estudar a busca de informação na vida cotidiana

O cotidiano é permeado por um intenso fluxo de atividades desenvolvidas de forma individual ou coletiva. Para cada uma delas são criados diferentes comandos e instruções, mais ou menos explícitas, os quais revelam os significados que o homem atribui ao mundo. Essa teia de significados construídos pela cultura, ou melhor, pelas culturas, afeta e é afetada pelas relações entre os indivíduos (Mendonça, Feitosa e Dumont, 2019).

Dentre as atividades diárias realizadas pelo homem está a busca por informação, seja ela em seu trabalho, nas instituições educacionais que frequenta ou nos ambientes da vida pessoal. Na atualidade, essa busca ocupa lugar de destaque, em virtude dos novos ambientes informacionais, da facilidade para adentrá-los e das formas de interação que eles possibilitam. Tais espaços, acessados por múltiplos dispositivos, como *smartphones*, sendo estes utilizados quase como

extensão do corpo humano, facilitam o encontro com as respostas buscadas para a solução de problemas.

No contexto da sociedade contemporânea, marcado pelo uso massivo das TDIC, o ciberespaço se constitui como um dos principais, se não o principal, ambiente onde as práticas informacionais acontecem. Por suas características, ele permite que as pessoas, enquanto buscam, acessam e utilizam as fontes de informação, também se tornem suas produtoras e criadoras. Logo, além do engajamento em práticas já estabelecidas, torna-se possível, por meio da interação presente no ciberespaço, conceber e aplicar novas práticas.

A noção de práticas informacionais, central neste estudo, diz respeito, portanto, ao conjunto de práticas nas quais os sujeitos se engajam enquanto buscam informação para satisfazer necessidades surgidas em seu cotidiano. Como afirmam Berti e Araújo (2017 p. 395), “as práticas informacionais representam a busca por informação pautada na relação informacional influenciada pelas interações sociais, de modo que compreendem os usuários e a informação em espaços diferentes, independentes, porém recíprocos”. Situados no bojo de uma abordagem social da Ciência da Informação, os estudos sobre práticas informacionais representam um passo adiante nas investigações voltadas para os usuários da informação.

Os estudos de usuários da informação iniciados na década de 1930 (Berti e Araújo 2017) tiveram como escopo inicial os sistemas de informação e o uso feito por um número restrito de pessoas dentro desses sistemas, tais como cientistas, pesquisadores e engenheiros. Assim, a avaliação do uso era feita destacando critérios quantitativos, além de ocorrer no âmbito de espaços profissionais e acadêmicos, observando necessidades informacionais limitadas a esses espaços.

Com o desenvolvimento da CI, as pesquisas elegeram como prioridade os aspectos cognitivos envolvidos quando da busca, do processamento e da utilização da informação. Sob a influência de áreas como a Psicologia e a Ciência da Computação, a mente dos usuários era associada a uma máquina computacional em que o processador era o cérebro humano. O interior do indivíduo era o centro dos debates, mas o contexto no qual ele estava inserido, bem como suas interações com esse contexto, não eram o foco das investigações.

Posteriormente, a Ciência da Informação aproximou-se de áreas como a Sociologia e as Ciências Humanas, deslocando o centro dos estudos de usuários para o entendimento das pessoas como parte de um contexto que tanto pode influenciar, quanto pode ser influenciado pelo ser humano. Sob a égide de um paradigma social, as práticas informacionais assumem o protagonismo das investigações, lançando suas questões para a forma como os sujeitos se relacionam com as fontes informacionais presentes em seu dia a dia, encontradas sob diferentes formas.

Como referência para os estudos sobre práticas, no contexto internacional, foram criados diferentes modelos de práticas informacionais, como: o modelo de busca de informação na vida cotidiana, de Reijo Savolainen; o modelo bidimensional de práticas informacionais, Pamela Mackenzie; e o modelo de práticas informacionais de adolescentes criadores de conteúdos digitais, de Mary Ann Harlan (Rocha, Sirihal Duarte e Paula 2017).

No Brasil, o Grupo de Pesquisa Estudos em Práticas Informacionais e Cultura (EPIC), vinculado ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), tem se debruçado sobre investigações que buscam compreender a relação entre informação e seus usuários a partir da interseção entre as dimensões subjetivista e objetivista. Estas, vinculadas fortemente à ideia de cultura, circundam as ações humanas, engendrando uma proposta que vai além dos tradicionais estudos de usuários e de comportamento informacional. Outros países também integram o grupo, como Argentina, Espanha e Uruguai, o que ajuda a consolidar um pensamento ibero-americano voltado aos estudos sobre práticas informacionais (Estudos em Práticas Informacionais e Cultura [entre 2013 e 2022]).

As pesquisas em práticas informacionais lidam diretamente com a produção e a recepção culturais, considerando a multiplicidade de saberes presentes no interior de um grupo. Tal característica enseja a adoção de uma lógica de investigação adequada, que leve o pesquisador a valorizar cada uma das pessoas integrantes do grupo estudado e a considerar a importância dos diferentes tipos de conhecimento produzidos. Nesse sentido, a etnografia desponta como uma possibilidade para a realização de estudos sobre práticas informacionais, tendo suas definições e características apresentadas na seção a seguir.

3 A etnografia como caminho para a pesquisa sobre práticas informacionais

A etnografia possui uma diversidade de significados, que se manifestam de acordo com as diferentes áreas do conhecimento com as quais se relaciona. Essas áreas e seus estudiosos estão interessadas em aprender o que conta como conhecimento cultural a partir da perspectiva das pessoas inseridas dentro do grupo que está sendo estudado (Green, Skukauskaite e Baker 2011). Assim, o conjunto dos significados compartilhados por um determinado grupo social é o campo de trabalho da etnografia, estabelecendo os membros de tal grupo como protagonistas da pesquisa.

Por suas características, a etnografia surge como um caminho para investigar práticas cotidianas, como a busca por informação. Tais práticas podem estar presentes na mente das pessoas de maneira consciente ou inconsciente; ser identificadas ou existir sem rótulo específico; estar constituídas ou ainda em construção. Estudar práticas informacionais é estudar a cultura e, portanto, requer um posicionamento sensível por parte do pesquisador.

Estudar um grupo cultural, nessa perspectiva, não é se perguntar se indivíduos são aculturados, ou se a cultura desse grupo apresenta desvantagens em contraste com outros grupos. Ao contrário, estudar um grupo *como uma cultura* é se indagar sobre suas práticas e o que elas possibilitam aos seus membros. Quais práticas culturais serão examinadas e como serão estudadas é algo determinado pelas questões e problemas que se julgam relevantes. (Green, Dixon e Zaharlick 2005 p. 59).

As primeiras pesquisas etnográficas se valiam de uma abordagem ética (de fonética, isto é, de descrições externas), centralizando os relatos na perspectiva do próprio etnógrafo. No final do século XX, houve um deslocamento para a perspectiva êmica (de fonêmico, isto é, de acordo com o falante), partindo da perspectiva do membro pertencente ao grupo estudado como guia para a investigação (David, Rocha e Nóbrega 2020). Adotando uma abordagem ética, o etnógrafo age de maneira mais distante do grupo estudado, utilizando seus próprios termos nas descrições e categorizações. Já na abordagem êmica, o etnógrafo faz suas interpretações de acordo com conceitos e categorias definidos pelos próprios investigados: “[...] o etnógrafo busca dar visibilidade às práticas culturais invisíveis inerentes ao contexto estudado [...] com base em sua própria história intelectual e na lógica de investigação por ele adotada” (David, Green e Santos 2020 p. 233).

A etnografia se relaciona com diferentes campos do conhecimento. A Antropologia fornece bases para suas construções teóricas, e a Educação atua como campo de aplicação para as teorias, assim como a Ciência da Informação. Independentemente da forma como as diferentes disciplinas lidam com a etnografia, há um ponto em comum compartilhado pelos etnógrafos: olhar para as pessoas localizadas no interior dos grupos e aprender a partir delas os significados utilizados para dar sentido ao mundo (Green, Skukauskaite e Baker 2011). A seguir, as autoras dão mais detalhes sobre o trabalho etnográfico:

Ao explorar o conhecimento cultural comum através de uma lógica em uso não-linear, abdução, iterativa e recursiva, os etnógrafos desenvolvem explicações fundamentadas para os padrões de práticas, ou papéis e relacionamentos, e outros fenômenos sociais. Para construir tais explicações, os etnógrafos tomam decisões baseadas em princípios, sobre registros a coletar e caminhos a seguir de modo a explorar as raízes e rotas associadas a significados, eventos ou processos/práticas culturais particulares. Os etnógrafos também fazem decisões sobre modos de arquivar, analisar e reportar relatos de fenômenos estudados. (Green, Skukauskaite e Baker, 2011 p. 310 tradução nossa).

Verifica-se, assim, como as características da etnografia a qualificam como filosofia de investigação aplicável à Ciência da Informação e a seus objetos de estudo, dentre os quais estão as práticas informacionais. Os discursos e as interações sociais presentes nas práticas são fundamentais para a construção do sistema que é a linguagem (David, Green e Santos 2020). Desse modo, revelar as práticas cotidianas dos indivíduos revela parte da complexidade do empreendimento etnográfico, pois seu objeto de estudo lida diretamente com os repertórios linguísticos que permeiam as ações e as interações entre as pessoas.

Como já citado, há pesquisas que se afirmam etnográficas sem de fato o serem (Green e Bloome 1997). Nessa perspectiva, os autores propõem três caracterizações para a pesquisa etnográfica, a saber: fazer etnografia, adotar uma perspectiva etnográfica e usar ferramentas e técnicas da etnografia. Pinho explica com detalhes cada uma dessas caracterizações:

A primeira [...] envolve realizar um estudo aprofundado e de longo prazo de estruturação, conceitualização, interpretação e escrita da vida de um grupo cultural ou social. Essa abordagem está geralmente associada ao campo da antropologia. A segunda [...] consiste em assumir uma abordagem mais focada para estudar aspectos particulares da vida cotidiana e das práticas culturais de determinado grupo social. Aspecto central para essa perspectiva é a apropriação de teorias culturais e interpretativas oriundas do campo da antropologia ou da

sociologia. A terceira [...] refere-se ao uso de métodos e técnicas geralmente associadas ao trabalho de campo, tais como observação participante, filmagens, notas de campo. Esses métodos e técnicas podem ou não ser orientados por teorias culturais ou questões sobre a vida social de determinado grupo. (Pinho 2013 p. 41).

No campo da Ciência da Informação, a etnografia vem sendo usada como procedimento de pesquisa em diferentes contextos, como a etnografia de arquivo e a netnografia, por exemplo (David, Rocha e Nóbrega 2020). Não obstante, assim como acontece com o conceito de informação na CI, sobre o qual se debruçam tentativas de conceituação desde os primórdios do campo, a caracterização de uma pesquisa como etnográfica depende de seu alinhamento a estudos da cultura, de raízes antropológicas.

Assim, para demonstrar as aplicabilidades da pesquisa etnográfica aos objetos de estudo da Ciência da Informação, especialmente às práticas informacionais, torna-se necessário investigar como os pesquisadores da área têm recorrido à etnografia. A seção a seguir apresenta o processo de busca empreendido para recuperar pesquisas sobre práticas informacionais que buscaram aplicar a lógica etnográfica na condução das pesquisas.

4 Materiais e métodos

Como procedimento de pesquisa, adotou-se a revisão de literatura sistemática para verificar estudos sobre práticas informacionais que recorreram à etnografia como metodologia de pesquisa. As etapas para a elaboração de uma revisão sistemática são as seguintes, segundo Galvão e Pereira (2014 p. 183): “(1) elaboração da pergunta de pesquisa; (2) busca na literatura; (3) seleção dos artigos; (4) extração dos dados; (5) avaliação da qualidade metodológica; (6) síntese dos dados (metanálise); (7) avaliação da qualidade das evidências; e (8) redação e publicação dos resultados.”

Para analisar as informações coletadas durante a revisão sistemática, recorreu-se à análise de conteúdo. Por meio das suas fases de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, será possível chegar à inferência sobre os conhecimentos relacionados à produção e à recepção das mensagens transmitidas (Bardin 2011). O levantamento dos materiais para a revisão sistemática foi realizado em duas bases de dados: o portal de periódicos da Coordenação de

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI).

O portal de periódicos da CAPES reúne uma diversidade de fontes, como revistas, bases de dados, livros, materiais audiovisuais, entre outras. Publicações de diversas áreas estão contempladas nas bases de dados indexadas, incluindo a Ciência da Informação. Por meio de uma parceria com as instituições de nível superior, o portal torna acessíveis às comunidades acadêmicas uma miríade de pesquisas que, em suas bases de dados originais, encontram-se com acesso limitado. Por tais características, o portal da CAPES facilita o acesso ao conhecimento publicado na área de CI, constituindo-se em um amplo ponto de conexão que agrega diferentes bases de dados em um só lugar.

Por sua vez, a BRAPCI é um portal brasileiro de publicações com foco na área de Ciência da Informação, Biblioteconomia e Arquivologia. Vinculada à Universidade Federal do Paraná (UFPR) e à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a base disponibiliza milhares de referência e resumos de trabalhos publicados em periódicos da área de Ciência da Informação, entre ativos e descontinuados, e constitui-se como uma rica fonte informacional para a CI e suas áreas correlatas.

Com o intuito de sistematizar a busca, foram utilizados os descritores: práticas informacionais e etnografia. Em seguida, foi estruturada a *string* (cadeia de caracteres): práticas informacionais AND etnografia. Em ambos os portais a combinação é possível graças ao recurso “busca avançada”. Optou-se pela varredura dos termos combinados em qualquer campo utilizado na indexação dos documentos nas bases. Foram recuperadas duas publicações no Portal da Capes e uma na BRAPCI, coincidente com um dos trabalhos recuperados no primeiro.

Em decorrência do número reduzido de trabalhos recuperados, optou-se por definir uma nova estratégia de busca, considerando-se as possibilidades de: a) os termos utilizados na *string* terem limitado as pesquisas recuperadas; b) os termos não terem sido explicitados no processo de indexação dos documentos. Dessa forma, foi construída uma nova *string*, combinando os termos “práticas informacionais” e “etnog*”. O truncamento possibilita a recuperação de variações a partir da parte isolada do termo. Assim, efetuando-se a nova busca, foram recuperadas dez publicações

BEZERRA, Herbenio de Souza; DAVID, Priscila Barros; NUNES, Jefferson Veras; SILVA, Antônio Wagner Chacon. Contribuições da Etnografia para os Estudos sobre Práticas Informacionais: uma revisão sistemática de literatura. *Brazilian Journal of Information Science: research trends*, vol.18, publicação contínua, 2024, e024006. DOI: <https://doi.org/10.36311/1981-1640.2024.v18.e024006>.

no Portal da CAPES e quatro publicações na BRAPCI, perfazendo um total de quatorze estudos recuperados.

Seguindo com a fase de filtragem dos documentos recuperados na busca, foram utilizados os seguintes filtros: 1) tipos de publicações (artigos); 2) tipos de idiomas: Português. Assim, foram recuperados seis artigos no Portal da CAPES. Na BRAPCI, a filtragem foi realizada de modo manual, uma vez que as delimitações disponíveis eram apenas de ano e relevância. Mantiveram-se, assim, os quatro artigos anteriormente recuperados, os quais, somados aos da outra base, totalizaram dez publicações.

Como critério de inclusão, foi definida a presença do termo “práticas informacionais” em quaisquer dos campos indexáveis dos documentos recuperados. Em um dos documentos, as palavras que constituem o termo não aparecem em sequência, mas dentro do sintagma “práticas e trocas informacionais”, o qual também corresponde aos objetivos da pesquisa, optando-se por sua permanência.

Como critério de exclusão, foram removidos estudos não correspondentes com a temática em tela, bem como dois documentos recuperados em ambas as bases, gerando duplicidade. Desse modo, chegou-se ao total de cinco publicações condizentes com a investigação traçada neste estudo.

4 Resultados

As pesquisas recuperadas no processo de busca apontam para os estudos sobre práticas informacionais como um campo ainda em consolidação no que tange à subárea de estudos e usuários da informação, dentro da qual elas estão inseridas. Os objetivos, metodologias e resultados de cada pesquisa corroboram com o caráter interdisciplinar da Ciência da Informação, característica sobre a qual autores clássicos e contemporâneos apontam com frequência em suas reflexões.

A seguir, apresenta-se um panorama geral de cada um dos estudos analisados para, em seguida, verificar se elas fazem etnografia, se adotam uma perspectiva etnográfica ou se utilizam ferramentas e técnicas da etnografia.

4.1 Práticas informacionais e museologia

Ainda que a Museologia mantenha relações com a Ciência da Informação menos estreitas quando comparadas às desta com a Biblioteconomia e a Arquivologia (Araújo 2011), pode-se assinalar que esse conjunto de disciplinas compartilha questões e investigações correlatas, voltadas para o entendimento dos diferentes artefatos informacionais e de sua relação com os usuários destas. Tal concepção também pode ser vista no trabalho de Gandra e Araújo (2016).

Assim, a partir de um diálogo entre os estudos de usuários da informação e os estudos de visitantes de museus, os autores buscam entender os processos interacionais presentes nas visitas realizadas no Museu Itinerante Ponto da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Para tal, recorrem a um estudo de caráter qualitativo, apoiado na etnografia, e que utiliza, para a coleta de seus dados, a observação participante e entrevistas semiestruturadas. (Gandra e Araújo 2016).

O percurso da investigação explorou a interação dos visitantes do museu entre si, com os mediadores da exposição e com os itens expostos. Ao interagir com os participantes da pesquisa a respeito de seu percurso no museu e de seu contato com os itens expostos, um dos pesquisadores notou algumas contradições presentes no discurso dos entrevistados: relatos não condizentes com o que fora observado, revelando os aspectos envolvidos na performance que o próprio visitante espera tanto de si, quanto exibir para os demais ao adentrar em um espaço ainda imbricado de uma certa visão elitista em torno do termo “cultura”. (Gandra e Araújo 2016).

4.2 Práticas informacionais e clubes de leitura

A leitura e a formação do leitor são um dos temas protagonistas dos estudos realizados dentro da Ciência da Informação. A relação das pessoas com o artefato livro e seus similares, em quaisquer que sejam suas versões, formatos e suportes, atrai pesquisadores porque revela os aspectos culturais envolvidos na atividade da leitura. Esta, ao se converter em hábito, também possibilita o entendimento de crenças e valores que permeiam as práticas diárias dos leitores. Dessa

forma, essa subárea da Ciência da Informação conecta-se naturalmente aos estudos sobre práticas informacionais.

Munidos dessa compreensão, Ferreira, Barbosa e Sá (2022) desenvolveram um estudo com o objetivo de verificar práticas informacionais presentes em diferentes clubes de leitura. Recorrendo a uma posição de cunho etnográfico, os autores realizaram uma imersão em três clubes de leitura: Clube do Livro BH, Clube do Livro de Ribeirão das Neves e Leia Mulheres BH. Nestes casos, a observação do participante também foi utilizada para realizar a coleta dos dados, a exemplo do que ocorreu na pesquisa da subseção anterior. Porém, aqui, ela aparece de forma única, não aliada a uma outra forma de coleta.

O percurso da pesquisa se conduziu para a identificação de três práticas informacionais: mediação de leitura, compartilhamento de experiências de leitura e trocas informacionais. Os pesquisadores relacionaram cada uma delas às observações realizadas nos três clubes de leitura que serviram como lócus para o estudo. As práticas revelaram-se mais fortes e efetivas em dois dos clubes analisados. Isso ocorreu por motivos diversos, incluindo o modo como as reuniões eram organizadas, os recursos financeiros disponíveis para os eventos e a especificidade de cada temática tratada nas reuniões (Ferreira, Barbosa e Sá 2022).

4.3 Práticas informacionais e feiras de livro

Os estudos de práticas informacionais, conforme já mencionamos, estão inseridos no paradigma sociocultural (ainda em construção) dos estudos de usuários da informação. Essa inserção leva em consideração a interação dos indivíduos entre si com o meio que os cerca, e a forma como constroem significados para suas ações diárias. A vida cotidiana é o principal mote dessa abordagem de compreensão da relação das pessoas com os recursos informacionais.

Atentos à forma como a cultura se manifesta no cotidiano, Salomão e Saldanha (2017) debruçaram-se sobre esforços para investigar as práticas informacionais presentes em feiras de livro na cidade do Rio de Janeiro. Desse modo, recorrendo à etnografia e às observações dos frequentadores de tais espaços, a exemplo dos feirantes, os pesquisadores realizaram observações

e coletaram dados que revelaram aspectos da relação dos indivíduos com o espaço, com os artefatos informacionais neles presentes e com as outras pessoas.

Nos relatos das observações, os autores deram amplo destaque à presença dos recursos tecnológicos modernos (câmeras, celulares, tablets, etc.), compondo a paisagem das feiras e ressignificando a relação das pessoas com o artefato livro. Longe da visão apocalíptica de substituição de um suporte pelo outro, os autores mostram o elo entre o tradicional e o moderno como um dos pontos presentes na ampla rede simbólica de trocas culturais e informacionais presentes nas feiras de livro, em ambientes históricos e em outros espaços que democratizam o acesso ao conhecimento e à cultura (Salomão e Saldanha 2017).

4.4 Práticas informacionais de estudantes quilombolas

Cultura é uma palavra que, embora grafada no singular, carrega consigo aspectos plurais por natureza. Desse modo, há diversas culturas nas quais diferentes povos estão inseridos, ainda que não sejam reconhecidas e/ou valorizadas como devem. É o caso da cultura de habitantes de comunidades quilombolas, cujo conhecimento, vivências e modos de construção de significados têm atraído o olhar de pesquisadores da Ciência da Informação na contemporaneidade, ainda que lentamente.

O estudo de Costa e Furtado (2021) interessou-se em desvelar as práticas informacionais de estudantes quilombolas integrantes do quadro discente da Universidade Federal do Pará. Uma vez identificadas, elas contribuíram para a construção de competências críticas nesses estudantes, de modo que sua permanência dentro do ambiente universitário, ainda marcado por muitos privilégios no acesso, possa ser garantida e que novas ações sejam idealizadas e colocadas em prática, para além das ações afirmativas já existentes.

Para os resultados coletados foi utilizada a pesquisa documental aliada à pesquisa etnográfica. Estudantes quilombolas relataram suas vivências dentro da Universidade, suas percepções sobre a tradição e a cultura de seu povo, além de reflexões que apontam para a necessidade de reconhecer e valorizar culturas que não as hegemônicas. Nesses relatos, estão presentes as práticas culturais e informacionais recebidas, partilhadas e construídas pelos

estudantes, revelando momentos em que o tradicional e o contemporâneo se aliam (Costa e Furtado 2021).

4.5 Cognição e estudos socioculturais de usuários da informação

Os estudos de usuários da informação se desenvolveram sob a égide das abordagens física ou tradicional e, posteriormente, cognitiva ou alternativa, conforme já apontado. Cada uma dessas abordagens foi influenciada por diferentes áreas do conhecimento em suas constituições: Matemática, Física, Comunicação, Sociologia, entre outras. Além destas, a Psicologia também se mostrou (e se mostra) com vários pontos de interseção.

Nesse sentido, Rocha, Paula e Sirihal Duarte (2016) refletem sobre as relações entre os três modelos dominantes elencados por Capurro (2003) e como os aspectos cognitivos influenciaram a abordagem alternativa. Os autores defendem que as teorias cognitivas, do modo como foram estudadas pelos pesquisadores da Ciência da Informação, deixaram de fora alguns aspectos, tais como os estudos sobre cognição distribuída.

Dessa forma, os autores apresentam dois caminhos para estudos que enfoquem os aspectos socioculturais dos usuários da informação, ambos derivados da Cognição Distribuída. O primeiro desses caminhos é a *Distributed Cognition for Teamwork* e o segundo caminho é a etnografia cognitiva. Não há uma aplicação de fato desses dois casos nesta pesquisa, mas sim uma apresentação de suas definições e de seus potenciais de contribuição para os estudos de usuários realizados no contexto da Ciência da Informação (Rocha, Paula e Sirihal Duarte 2016).

5 Análise e discussão dos resultados

A conduta etnográfica, adotada na análise de Gandra e Araújo (2016) sobre as interações ocorridas durante as visitas realizadas ao Museu Ponto Itinerante UFMG, conduz a noção de práticas informacionais. Essa conduta é entendida como um meio pelo qual, inseridas em contextos de trocas informacionais, as pessoas atribuem sentidos às suas ações. Para os autores, a etnografia pode “levar à compreensão das especificidades da experiência de visita, das singularidades das

relações entre os sujeitos, a informação e os contextos referenciais que os cercam.” (Gandra e Araújo 2016).

Ao utilizarem a observação participante como uma das técnicas de coleta de dados, os pesquisadores puderam se aprofundar no universo estudado, colocando-se na mesma posição do público cujas ações, trocas e significados eles buscaram entender. As entrevistas semiestruturadas, também utilizadas na coleta, mostram-se como caminho adequado para colocar os entrevistados como participantes da condução da narrativa, uma vez que são uma técnica com abertura para o surgimento de percepções não previstas em um primeiro momento.

Podemos afirmar, portanto, que o estudo realizado tanto adota uma perspectiva etnográfica, por analisar um ponto particular da vida cotidiana (a visita aos museus e seus significados), como utiliza ferramentas etnográficas, uma vez que lança mão da observação participante como caminho para identificar as práticas informacionais dos visitantes do museu.

O caminho etnográfico também é percorrido na pesquisa de Ferreira, Barbosa e Sá (2022) sobre os clubes de leitura e as práticas informacionais neles encontradas. Os autores fazem algumas ressalvas sobre a impossibilidade de realizar uma pesquisa etnográfica em sentido mais estrito, destacando que o trabalho foi desenvolvido a partir de um único encontro observado em cada um dos três clubes de leitura investigados: “Apesar de não se constituir uma pesquisa etnográfica, devido ao pouco tempo de acompanhamento nos clubes de leitura, a perspectiva etnográfica foi de certa maneira adotada.” (Ferreira, Barbosa e Sá 2022).

A observação participante também surge, aqui, como técnica de coleta de dados, o que evidencia uma forma de coletar dados associada com frequência aos estudos de caráter etnográfico. Por meio da observação participante, foi possível identificar categorias de práticas informacionais construídas nos encontros realizados pelos clubes: mediação de leitura, compartilhamento de experiências de leitura e trocas informacionais.

Assim como aconteceu com o primeiro trabalho analisado, neste, conjugam-se a adoção de uma perspectiva etnográfica e o uso de técnicas etnográficas. Ambas permitiram observar, identificar e compreender as diferentes nuances e significados criados e compartilhados quando

peessoas se encontram para partilhar experiências de leitura que se conectam (ou não) com suas vidas cotidianas.

A pesquisa de Salomão e Saldanha (2017), em seu percurso metodológico, aproxima-se da visão etnográfica para investigar as feiras de livro, os significados trocados por seus frequentadores e pelos feirantes, de modo a identificar as práticas informacionais presentes no espaço de democratização da leitura e do saber “[...] através de aportes do método etnográfico, a partir da vivência do pesquisador nas feiras de livro, por meio de visitas e intervenções, desde seu início ao encerramento diário, com uso de fotografias, diálogos e entrevistas.” (Salomão e Saldanha 2017).

A observação do participante, neste caso, não é mencionada de maneira direta. São utilizadas expressões como “observação direta” e “observações realizadas”. As práticas informacionais são tratadas em sentido mais amplo, não sendo identificadas por nomes ou expressões que as caracterizem. Da mesma maneira, os relatos colhidos nas entrevistas realizadas com os feirantes são feitos de maneira mais abrangente, com foco nas reflexões dos próprios autores sobre o relatado pelos entrevistados.

Ao focalizar o cotidiano das feiras de livro, as interações entre seus frequentadores, a apropriação do espaço urbano e a relação entre artefatos informacionais tradicionais e contemporâneos, os autores focalizam um aspecto da vida cotidiana e, por isso, adotam uma perspectiva etnográfica. A utilização da observação, das fotografias e da gravação das entrevistas situa a pesquisa dentro de ferramentas comumente adotadas por este tipo de pesquisa.

Por meio da etnografia, é possível, a partir de uma perspectivaêmica, dar voz a grupos social e historicamente excluídos, de modo que suas tradições, práticas e culturas sejam conhecidas, reconhecidas e perpetuadas, contribuindo para a construção de uma sociedade mais igualitária. Nesse sentido, a pesquisa de Costa e Furtado (2021) vale-se da etnografia para dar voz aos estudantes quilombolas da Universidade Federal do Pará, de modo a compreender quais práticas informacionais são construídas por eles na interseção entre o ambiente universitário e seu cotidiano nas comunidades quilombolas.

O estudo em questão recorreu, inicialmente, a uma pesquisa documental e, em seguida, a um formulário para entrar em contato com os estudantes dispostos a participar da pesquisa. Diante

das respostas, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com parte dos respondentes. Nelas, foram revelados aspectos da cultura e da história de um povo e de sua luta para que as tradições não sejam apagadas. Os desafios enfrentados no meio acadêmico também são postos, já que as estruturas curriculares e de poder que compõem os espaços universitários, muitas vezes, servem para reproduzir e manter a hegemonia e o *status quo*.

A pesquisa sobre as práticas culturais dos estudantes quilombolas se delineia, pois, adotando uma perspectiva etnográfica. Não recorre à observação participante, como ocorre com os outros estudos apresentados nesta revisão, nem a recursos como gravações de vídeo ou notas de campo. Ainda assim, mostra-se um estudo que traz para o centro do debate uma temática que, embora tenha sido objeto de pesquisa cada vez mais crescente no campo da Ciência da Informação, ainda carece de maiores debates e de mais pesquisadores interessados, de modo a dar voz a grupos historicamente excluídos.

O último dos artigos recuperados não se trata de uma pesquisa empírica como as anteriores. Também não se trata especificamente de práticas informacionais, mas de estudos de usuários da informação guiados pelo viés sociocultural, dentro do qual as práticas informacionais estão inseridas, sendo essa a razão para inclusão do arquivo nesta revisão sistemática. Trata-se do trabalho realizado por Rocha, Paula e Sirihal Duarte (2016).

Os autores discorrem sobre o conceito de cognição distribuída e o apontam como um referencial teórico, dentro de uma perspectiva sociocultural, para investigar usuários da informação e suas necessidades. Em seguida, discorrem sobre dois caminhos metodológicos associados a tal conceito, a saber: *Distributed Cognition for Teamwork* e etnografia cognitiva. Uma das principais diferenças entre a etnografia tradicional e a cognitiva reside no fato de que “a etnografia tradicional se preocupa com o fato e a etnografia cognitiva se preocupa com o processo de construção do fato”. (Rocha, Paula e Sirihal Duarte 2016).

A presença da etnografia no trabalho em questão surge, pois, como uma possibilidade para estudar aspectos particulares da vida cotidiana das pessoas, embora não haja uma situação específica sendo estudada aqui, como ocorre nos trabalhos anteriormente analisados. Nesse

sentido, o estudo não adota necessariamente uma perspectiva etnográfica, mas aponta caminhos para pesquisas que pretendam adotá-la.

Em suma, a etnografia mostra-se como um caminho que fornece aos estudos sobre práticas informacionais inúmeras possibilidades e ferramentas para entender as práticas culturais das pessoas. Embora as pesquisas analisadas não cheguem a fazer etnografia em seu sentido mais amplo, conforme indica a primeira das categorias elencadas por Green e Bloome, elas recorrem, em maior ou menor grau, a aportes da etnografia ou adotam uma postura etnográfica para conhecer práticas inseridas em contextos específicos da vida cotidiana das pessoas.

6 Conclusão

As práticas informacionais representam um campo de estudos pertencente a uma abordagem ainda em consolidação na área de estudos de usuários da informação, o que pode ser visto nos anos de publicação dos artigos recuperados na revisão sistemática, todos publicados na última década. As pesquisas simbolizam os esforços, cada vez mais recorrentes, da Ciência da Informação, para ampliar seu escopo de atuação, indo em direção a ambientes da vida cultural e cotidiana das pessoas, para além dos muros de ambientes acadêmicos e laborais.

O número reduzido de artigos recuperados com o uso da *string* indica, à primeira vista, que poucos estudos sobre práticas informacionais têm recorrido à etnografia no caminho de suas investigações, embora suas ferramentas se mostrem mais do que adequadas para entender como as pessoas entram em contato com as práticas culturais dos grupos aos quais pertencem, como constroem novas práticas e como as compartilham com os demais. Investigações mais detalhadas podem confirmar se a baixa quantidade de artigos que recorrem à etnografia é por adequação das pesquisas ou por possíveis problemas nos campos de indexação, uma vez que a quantidade de trabalhos recuperados quando se utiliza apenas o termo “práticas informacionais” é bem maior.

A utilização de abordagens etnográficas, de forma estrita no estudo de práticas informacionais e de forma ampla nos estudos de usuários, reforça o caráter interdisciplinar da Ciência da Informação enquanto campo que sempre buscou, desde os seus primórdios, em outras disciplinas, referenciais para estabelecer seu próprio objeto de estudo. Com a etnografia, mostram-

se as influências de campos como a Antropologia e a Sociologia, corroborando a tendência, cada vez mais em voga, de estudos que buscam, na área da CI, ocupar-se dos aspectos culturais e sociais dos usuários da informação. Este é um movimento forte, sobretudo, em países da América Latina.

Referências

- Araújo, Carlos Alberto Ávila. “Ciência da Informação, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia: relações teóricas e institucionais”. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, vol. 16, no. 31, 2011, pp.10-130, <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2011v16n31p110>. Acessado 20 jul. 2023.
- Araújo, Carlos Alberto Ávila. “O que são práticas informacionais”. *Informação em Pauta*, Fortaleza, v. 2, no. especial, 2011, pp. 389-401, <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/20655>. Acessado 10 out. 2022.
- Bardin, Laurence. *Análise de conteúdo*. Edições 70, 2011.
- Berti, Ilemar Christina Lanson Wey; Araújo, Carlos Alberto Ávila. “Estudos de usuários e práticas informacionais: do que estamos falando?”. *Informação e Informação*, Londrina, vol. 22, no. 2, 2017, pp. 389-401, <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2017v22n2p389>. Acessado 03 out. 2022.
- Borko, Harold. “Information Science: what is it?”. *American Documentation*, Jan. 1968.
- Capurro, Rafael. “Epistemologia e Ciência da Informação”. *Anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação: Belo Horizonte*, UFMG, 2003, http://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acessado 25 set. 2022.
- Costa, Maria Ivone Maia; Furtado, Renata Lira. “As contribuições da competência crítica em informação nas práticas informacionais de estudantes quilombolas no ensino superior: relato de pesquisa”. *Informação e Informação*, Londrina, vol. 26, no. 4, 2021, pp. 393-423, <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2021v26n4p393>. Acessado 09 dez. 2022.
- David, Priscila Barros; Green, Judith L.; Santos, Vanessa Ellen Cacao dos. “Contextos de aprendizagem para interações contingentes em fóruns de discussão online: uma investigação à luz da etnografia interacional”. *Simpósio Brasileiro de Informática na Educação: Porto Alegre*, Sociedade Brasileira de Computação, 2020, <https://doi.org/10.5753/cbie.sbie.2020.332>. Acessado 02 out. 2022.
- David, Priscila Barros; Rocha, Carin Cunha; Nóbrega, Paula Pinheiro da . “A etnografia como uma lógica de investigação na Ciência da Informação”. In: Farias, Maria Giovanna Guedes; Bentes Pinto, Virgínia (org.). *Ciência da Informação em Contextos*. Imprensa Universitária, 2020, <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/54841>. Acessado 15 dez. 2022.

- Estudos em Práticas Informacionais e Cultura. *Sobre*. UFMG, [entre 2013 e 2022], <https://epic.eci.ufmg.br/portfolio/sobre/>. Acessado 16 dez. 2022.
- Ferreira, Emanuelle Geórgia Amaral; Barbosa, Andreza Gonçalves ; Sá, Jéssica Patrícia Silva. “Práticas informacionais em clubes de leitura”. *Revista Folha de Rosto*, Juazeiro do Norte, vol. 8, no. 1, 2022, pp. 83-103, <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/194755>. Acessado 09 dez. 2022.
- Galvão, Taís Freire; Pereira, Mauricio Gomes. “Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração”. *Epidemiol. Serv. Saúde*, Brasília, DF, vol. 23, no. 1, mar. 2014, pp. 183-184, http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742014000100018&lng=pt&nrm=iso. Acessado 15 dez. 2022.
- Gandra, Tatiane Krempser; Araújo, Carlos Alberto Ávila. “Práticas informacionais dos visitantes do Museu Itinerante Ponto UFMG”. *Em Questão*, Porto Alegre, vol. 22, no. 3, 2016, pp. 201–226, <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/64326>. Acessado 09 dez. 2022.
- Green, Judith L.; Skukauskaite, Audra; Baker, W. Douglas. “Ethnography as epistemology”. In: Arthur, James; Waring, Michael; Coe, Robert; Hedges, Larry V. (ed.). *Research Methods and Methodologies in Education*. SAGE, 2011. cap. 39.
- Green, Judith L; Bloome, David. “Ethnography and ethnographers of and in education: a situated perspective”. In: Flood, James; Heath, Shirley; Lapp, Diane. (ed). *Handbook of research on teaching literacy through the communicative and visual arts*. Simon & Schuster Macmillan, 1997. pp. 181-202.
- Green, Judith L.; Dixon, Carol N.; Zaharlick, Amy. “A etnografia como uma lógica de investigação”. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, no. 42, 2005, pp. 1-79.
- Mendonça, Ismael Lopes; Feitosa, Luiz tadeu; Dumont, Lígia Maria Moreira. “Por uma relação cultural com a informação”. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, vol. 12, no. 2, 2019, pp. 1–16, <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/498>. Acessado 15 dez. 2022.
- Pinho, Luisa Teixeira Andrade. *Práticas de leitura em aulas de História: um estudo de caso etnográfico*, 2013, https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFMG_ec0db0e266c1fe3bdcd3e1d29788106b. Universidade Federal de Minas Gerais, Tese de Doutorado. Acessado 10 maio 2023.
- Rocha, Janicy Aparecida Pereira; Sirihal Duarte, Adriana Bogliolo. Paula, Claudio Paixão Anastácio de. “Modelos de práticas informacionais”. *Em Questão*, Porto Alegre, vol. 23, no. 1, 2017, pp. 36-61, <https://doi.org/10.19132/1808-5245231.36-61>. Acessado 30 set. 2022.
- Rocha, Janicy Aparecida Pereira; Paula, Claudio Paixão Anastácio de; Sirihal Duarte, Adriana Bogliolo. “A cognição distribuída como referencial teórico para os estudos de usuários da informação”. *Informação & Sociedade*, João Pessoa, vol. 26, no. 2, 2016, pp. 91-105, <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/28563>. Acessado 30 set. 2022.

Sá, Jéssica Patrícia Silva de; Araújo, Carlos Alberto Ávila. “Práticas Informacionais de Blogueiros Literários”. *Em Questão*, Porto Alegre, vol. 26, no. 1, 2020, pp. 132–160, <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/88287>. Acessado 15 dez. 2022.

Salomão, Amanda; Saldanha, Gustavo da Silva. “Cultura feirante de informação: um relato de campo sobre as feiras de livro do Rio de Janeiro”. *Informação & Informação*, Londrina, vol. 22, no. 3, 2017, pp. 269-296, <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/32012>. Acessado 09 dez. 2022.

Copyright: © 2024 BEZERRA, Herbenio de Souza; DAVID, Priscila Barros; NUNES, Jefferson Veras; SILVA, Antônio Wagner Chacon. This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons CC Attribution-ShareAlike (CC BY-SA), which permits use, distribution, and reproduction in any medium, under the identical terms, and provided the original author and source are credited.

Received: 07/11/2023

Accepted: 05/02/2024